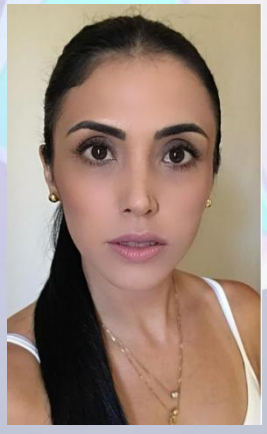

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA INFÂNCIA: BRINQUEDOS, DESENHOS E HERÓIS – COMO REPENSAR O IMAGINÁRIO INFANTIL COM FOCO NA EQUIDADE RACIAL

ANTI-RACIST EDUCATION IN CHILDHOOD: TOYS, DRAWINGS, AND HEROES – HOW TO RETHINK CHILDREN'S IMAGINATION WITH A FOCUS ON RACIAL EQUITY

JULIANA MARQUES CORDEIRO DE MELLO
Graduação em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2011); especialista em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2023); professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na EMEI Taufik Daud Kurban

RESUMO

Este artigo discute a importância da representatividade racial no imaginário infantil, analisando como brinquedos, desenhos animados e personagens influenciam na formação da identidade de crianças negras. A partir de uma abordagem teórica fundamentada em autores brasileiros contemporâneos e documentos legais como a Lei nº 10.639/2003, o estudo destaca como a ausência de representações positivas da população negra no cotidiano das crianças contribui para a perpetuação de estereótipos raciais e desigualdades simbólicas. São apresentadas propostas pedagógicas para repensar as práticas escolares, com foco na construção de uma educação antirracista na infância. Defende-se que a reconfiguração do imaginário infantil é um passo essencial para a promoção da equidade racial e do respeito à diversidade desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Educação infantil; Educação antirracista; Imaginário infantil; Representatividade negra; Identidade racial.

ABSTRACT

This article discusses the importance of racial representation in children's imagination, analyzing how toys, cartoons, and characters influence the formation of black children's identity. Based on a theoretical approach grounded in contemporary Brazilian authors and legal documents such as Law No. 10,639/2003, the study highlights how the absence of positive representations of the black population in children's daily lives contributes to the perpetuation of racial stereotypes and symbolic inequalities. Pedagogical proposals are presented to rethink school practices, with a focus on building anti-racist education in childhood. It is argued that the reconfiguration of children's imagination is an essential step in promoting racial equity and respect for diversity from the earliest years of life.

Keywords: Early childhood education; Anti-racist education; Children's imagination; Black representation; Racial identity.

INTRODUÇÃO

A infância é um período crucial para a formação da identidade, dos vínculos sociais e da visão de mundo das crianças. É nesse momento que os valores, símbolos e representações culturais começam a ser internalizados, moldando a forma como elas compreendem a si mesmas e ao outro. No entanto, o imaginário infantil — construído por meio de brinquedos, desenhos animados, histórias e personagens heroicos — ainda é, em grande parte, estruturado com base em estereótipos eurocentrados, que invisibilizam ou subalternizam sujeitos negros. Esse cenário perpetua desigualdades raciais simbólicas desde os primeiros anos de vida, interferindo diretamente na autoestima, nas expectativas de futuro e nas relações sociais das crianças negras.

Nesse contexto, a escola assume um papel central no enfrentamento ao racismo estrutural ao propor práticas pedagógicas que valorizem a diversidade racial e promovam a equidade. A implementação de uma educação antirracista na infância exige não apenas a inserção pontual de conteúdos sobre cultura afro-brasileira e africana, mas uma revisão crítica de materiais didáticos, recursos lúdicos, narrativas e representações simbólicas presentes no cotidiano escolar. Brinquedos, desenhos animados e personagens heroicos não são elementos neutros, mas veículos ideológicos que transmitem valores e concepções de mundo. Por isso, repensar o imaginário infantil é um ato político e pedagógico essencial para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar como práticas pedagógicas antirracistas podem contribuir para a desconstrução de imaginários infantis baseados em estereótipos raciais, por meio da reconfiguração dos brinquedos, desenhos e personagens trabalhados na Educação Infantil. Como objetivos específicos, busca-se identificar os principais elementos do imaginário infantil que reforçam padrões racistas; compreender como a presença (ou ausência) de representatividade racial afeta a construção da identidade das crianças; e apresentar propostas pedagógicas que valorizem a equidade racial desde os primeiros anos escolares.

A escolha deste tema se justifica pela urgência de se combater o racismo desde a infância, conforme orienta a Lei nº 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. É na infância que se naturalizam discursos e imagens que hierarquizam pessoas com base em sua cor de pele, cabelo ou traços físicos, o que evidencia a importância de estratégias pedagógicas que ampliem a representatividade e problematizem essas construções. Promover uma educação antirracista não é apenas uma ação afirmativa, mas uma necessidade ética e pedagógica para garantir o direito de todas as crianças ao reconhecimento e à valorização de sua identidade.

A partir dessa realidade, o estudo é orientado pela seguinte questão-problema: de que forma a ressignificação dos brinquedos, desenhos e heróis no ambiente escolar pode contribuir para a construção de um imaginário infantil mais equitativo e livre de estereótipos raciais?

ELEMENTOS DO IMAGINÁRIO INFANTIL QUE REFORÇAM PADRÕES RACIAIS

O imaginário infantil é composto por um conjunto de símbolos, imagens e narrativas que as crianças acessam desde cedo, por meio de brinquedos, desenhos animados, histórias, músicas e demais produtos culturais. Esses elementos não são neutros: eles carregam valores sociais, representações estéticas e concepções de mundo que influenciam diretamente na formação da identidade e das relações sociais das crianças. Quando esse imaginário se constrói com base em padrões eurocentrados e monoculturais, ele reforça hierarquias raciais e contribui para a exclusão simbólica de crianças negras.

Estudos recentes têm evidenciado que, no Brasil, os brinquedos e materiais culturais disponíveis para as crianças ainda reproduzem, em sua maioria, modelos estéticos brancos, com cabelos lisos, olhos claros e traços europeus. Segundo a pesquisa “Cadê Nossa Boneca?”, realizada pela organização Avante (2023), apenas cerca de 6% dos brinquedos fabricados no país representam pessoas negras, apesar de mais da metade da população brasileira se autodeclarar preta ou parda. Essa discrepância revela uma desigualdade profunda no acesso à representatividade racial desde a primeira infância.

A ausência de personagens negros nos brinquedos e nas narrativas visuais contribui para o apagamento das identidades negras no cotidiano das crianças. Como aponta Lima (2021), quando a criança negra não se vê representada nos espaços simbólicos que frequenta, ela tende a construir uma imagem de si mesma a partir do outro, geralmente branco, como referência de beleza, inteligência e heroísmo. Esse processo pode afetar diretamente a construção da autoestima e da identidade racial positiva, além de alimentar sentimentos de inferioridade e não pertencimento.

Essa hegemonia simbólica também é observada nos desenhos animados, nos filmes infantis e nas histórias clássicas contadas na escola. Grande parte dos personagens principais, considerados heróis ou princesas, são brancos e seguem um padrão estético específico, enquanto personagens negros, quando presentes, geralmente ocupam papéis secundários, caricatos ou estereotipados.

Conforme argumenta Ferreira (2020), a construção da branquitude como padrão de humanidade nos conteúdos midiáticos infantis contribui para a perpetuação do racismo estrutural, naturalizando a centralidade branca e a marginalização dos corpos negros.

Além disso, é importante destacar que o racismo no imaginário infantil não se manifesta apenas pela ausência de personagens negros, mas também pela forma como esses personagens são representados. Pesquisas como a de Santos (2022) mostram que, quando presentes, personagens negros são frequentemente associados a papéis subalternos, como empregados, vilões ou personagens cômicos, reforçando estereótipos históricos que associam a negritude à violência, à ignorância ou ao servilismo. Essa representação limitada e negativa tem impactos significativos na forma como crianças negras e não negras percebem a si mesmas e aos outros.

Outra questão relevante é a homogeneização dos traços e características físicas nos brinquedos e personagens infantis. A diversidade de tons de pele, tipos de cabelo e traços fenotípicos ainda é pouco explorada no mercado de produtos infantis, o que dificulta o reconhecimento da pluralidade racial existente na sociedade brasileira. Conforme ressalta Oliveira (2023), a falta de brinquedos com cabelo crespo, traços afros e vestimentas tradicionais africanas contribui para a invisibilização de elementos culturais negros e para a manutenção de um padrão único de beleza.

Nesse sentido, o imaginário infantil se constitui como um campo estratégico de disputa política e pedagógica. Reproduzir representações monocromáticas e eurocentradas não apenas deseduca para a diversidade, mas reforça a ideia de que apenas determinados corpos e histórias merecem ser celebrados. Como defende Silva (2020), o enfrentamento ao racismo começa na infância e exige a reconfiguração dos materiais simbólicos disponíveis às crianças. É preciso garantir o acesso à pluralidade de imagens, sons e histórias que celebrem a negritude em suas múltiplas expressões.

A escola, como espaço de formação social e cultural, desempenha um papel fundamental na mediação do imaginário infantil. No entanto, como observa Gomes (2021), muitas vezes o currículo oculto da escola reforça a exclusão simbólica, ao selecionar apenas materiais e narrativas que valorizam culturas europeias e desconsideram as contribuições africanas e afro-brasileiras. Mesmo com a vigência da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatória a abordagem da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, a efetivação dessa política ainda encontra resistência e omissões no cotidiano pedagógico.

Portanto, compreender os elementos do imaginário infantil que reforçam padrões raciais é uma etapa fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas. É necessário revisar criticamente os materiais didáticos, os brinquedos utilizados em sala de aula, as histórias contadas e as imagens trabalhadas com as crianças. Essa revisão deve considerar não apenas a inclusão de personagens negros, mas também a qualidade e a diversidade dessas representações.

Além disso, é importante que a representatividade negra não se limite ao campo do exótico ou do folclórico. Como aponta Costa (2022), é comum que as escolas abordem a cultura afro-brasileira apenas em datas comemorativas, como o 20 de novembro, ou por meio de danças e comidas típicas, sem discutir de forma aprofundada os aspectos históricos, políticos e simbólicos da presença negra

na sociedade. Isso reforça a ideia de que a cultura negra é acessória e não constitutiva da identidade brasileira.

Reconfigurar o imaginário infantil com base na equidade racial implica valorizar a estética negra, reconhecer a produção intelectual e cultural afro-brasileira e promover o protagonismo negro nas narrativas trabalhadas com as crianças. Essa transformação exige o envolvimento de professores, famílias, editores, produtores culturais e, sobretudo, do poder público, para garantir políticas que estimulem a produção e a circulação de materiais que representem a diversidade racial do país.

Em síntese, os elementos do imaginário infantil que reforçam padrões raciais estão presentes de forma estrutural nos produtos culturais destinados às crianças. A ausência ou a representação estereotipada de personagens negros nos brinquedos, nas histórias e nas mídias infantis contribui para a reprodução do racismo desde a infância e limita a construção de uma identidade racial positiva. Enfrentar esse problema demanda ações concretas e contínuas, que vão desde a reformulação de materiais pedagógicos até a valorização da diversidade racial em todos os espaços de socialização infantil. Como bem enfatiza Ribeiro (2023), educar para a equidade racial é uma tarefa urgente e coletiva, que deve começar desde os primeiros anos de vida.

IMPACTO DA REPRESENTATIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Impacto da representatividade no desenvolvimento infantil é um tema de crescente interesse no campo da educação, psicologia e estudos étnico-raciais, pois reconhece que a presença — ou ausência — de imagens, narrativas e personagens com características raciais diversas exerce influência significativa no auto entendimento, autoestima e nas relações sociais das crianças. Quando crianças negras ou de grupos étnico-raciais minoritários visualizam-se como protagonistas em brinquedos, livros e desenhos, isso pode fortalecer sua identidade, promover autoaceitação e fomentar expectativas positivas para seu futuro. No entanto, em contextos em que a representatividade é escassa ou estereotipada, há riscos de internalização de estigmas, apagamentos simbólicos e discriminação internalizada.

Desde os primeiros anos de vida, o contato com narrativas visuais forma repertórios simbólicos que moldam a percepção de si e dos outros. Em estudo realizado por Dias de Faria (2024), com jovens e adultos negros, constatou-se que o acesso a livros com personagens da etnia africana durante a infância correlacionou-se com relatos de autoestima mais saudável ao longo do tempo — embora a pesquisa ressalte que esse impacto depende também da mediação educativa e do suporte emocional. Esse resultado sugere que a representatividade pode atuar não apenas como reflexo simbólico, mas como fator protetivo no desenvolvimento identitário das crianças negras. (DIAS DE FARIA, 2024)

Além disso, no contexto das práticas de leitura infantil, a representatividade negra favorece a construção de empoderamento racial nas crianças. Pesquisa publicada na revista *Form@re* analisou práticas de leitura com protagonismo de personagens negros e concluiu que essas experiências são

fundamentais para a construção de identidades positivas e para prevenir estereótipos raciais internalizados (Representatividade Negra na Literatura Infantil, 2023). Na investigação, observou-se que crianças negras que participaram de círculos de leitura com protagonistas negros manifestaram maior identificação e expressão de orgulho racial, enquanto nos casos em que a narrativa privilegia personagens brancos, elas relataram sensação de invisibilidade e pouca identificação.

Outro aspecto relevante aborda a representatividade visual nos desenhos animados e mídias infantis. Projeto ocorrido no Rio de Janeiro buscou analisar como a representatividade racial em desenhos animados influencia a infância local, demonstrando que personagens negros — quando presentes como protagonistas ou em posições de destaque — contribuem para a reflexão das crianças sobre diversidade, reconhecimento social e empatia interétnica. Em contraste, a predominância de personagens brancos reforça estereótipos de superioridade e hierarquia racial simbólica (Projeto “impacto e representatividade nos desenhos animados”, 2023).

Ademais, a representatividade não atua isoladamente: seu impacto no desenvolvimento infantil é condicionado pela mediação docente, familiar e institucional. Se uma criança negra encontra representações positivas, mas não recebe diálogo crítico na escola ou em casa para refletir sobre essas imagens, o efeito simbólico diminui. Por isso, práticas antirracistas intencionais são indispensáveis para potencializar os ganhos simbólicos da representatividade. Alguns estudos de campo em escolas brasileiras indicam que professores que dialogam com as crianças sobre raça e identidade permitem que estas interpretem criticamente as narrativas visuais e reconheçam os vieses implícitos, fortalecendo seu senso de agência simbólica.

No Brasil, projetos como o da Fundação FEAC, que distribuíram bonecas da coleção “Erês Brincantes” com diversidade racial para escolas de educação infantil, oferecem evidências práticas de impacto imediato. Os feedbacks das equipes escolares apontaram que meninas negras identificaram semelhanças com as bonecas e expressaram encantamento ao ver rostos parecidos com os seus (FEAC, 2023). Essa interação simbólica provocou questionamentos nas turmas, incentivando conversas sobre diversidade racial, pertencimento e representatividade. Embora ainda não haja estudos longitudinais robustos que mensurem impactos cognitivos ou acadêmicos a longo prazo, esses relatos qualitativos indicam que a introdução de representatividade no ambiente infantil pode gerar reflexos positivos no reconhecimento simbólico das crianças.

Entretanto, é necessário considerar as limitações e tensões desse impacto simbólico. A mera presença de personagens negros não garante resultados transformadores se a narrativa os reduz a estereótipos, papéis secundários ou caricaturas. A representatividade simbólica precisa ser acompanhada de profundidade, agência e pluralidade. Em outras palavras, as representações devem permitir que crianças negras sejam protagonistas ativos e com complexidade, não meros coadjuvantes idealizados pelos padrões dominantes.

Outro fator de modulação é a fase de desenvolvimento da criança. Quanto mais cedo for exposta a narrativas diversificadas, maior é o potencial de interiorização simbólica positiva. Em idades mais avançadas, as anakim bias — preconceitos inconscientes adquiridos na socialização — já

começam a se cristalizar, tornando mais difícil a ressignificação simbólica. Por isso, a infância representa janela sensível para intervenções antirracistas simbólicas.

Ademais, as desigualdades estruturais — como traços de segregação social, insuficiência de recursos culturais nas escolas e mercados editoriais concentrados — limitam a escala e a eficácia dessas iniciativas simbólicas. Embora iniciativas pontuais de representatividade sejam importantes, elas não substituem políticas estruturais que promovam diversidade editorial, investimento cultural e regulamentação de conteúdo infantil com critérios de equidade racial.

Em síntese, o impacto da representatividade no desenvolvimento infantil revela-se como um processo simbólico potente, especialmente para crianças negras, ao fortalecer autoestima, identidade racial positiva e protagonismo simbólico. Contudo, seu poder transformador depende da qualidade das representações, da mediação crítica no ambiente educativo e da articulação com políticas culturais estruturais. Repensar o imaginário infantil com foco na equidade racial exige, portanto, mais do que inserir personagens negros nos brinquedos — envolve transformar narrativas, expandir repertórios simbólicos e fortalecer o diálogo crítico sobre raça desde cedo.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA REPENSAR O IMAGINÁRIO INFANTIL

Para promover uma educação antirracista desde a infância, é necessário repensar criticamente os símbolos, imagens e narrativas que compõem o cotidiano escolar. O imaginário infantil, amplamente alimentado por brinquedos, desenhos, histórias e personagens, precisa ser reconfigurado de forma consciente, com o objetivo de promover a valorização da diversidade racial e combater representações estereotipadas ou excludentes. Essa transformação demanda intencionalidade pedagógica, formação continuada dos profissionais da educação e acesso a materiais diversos e de qualidade.

Uma das propostas mais imediatas e efetivas consiste na ampliação do acervo de brinquedos e materiais pedagógicos utilizados na Educação Infantil, incluindo bonecas, fantoches e personagens que representem diferentes tons de pele, tipos de cabelo, traços físicos e expressões culturais. Como destaca Santana (2021), o uso de brinquedos com representatividade racial fortalece o senso de pertencimento de crianças negras e contribui para a naturalização da diversidade no ambiente coletivo. A diversidade nos brinquedos permite que todas as crianças se reconheçam e reconheçam o outro de forma positiva e respeitosa.

Além dos brinquedos, é fundamental revisar o repertório literário trabalhado com as crianças. A inclusão de livros infantis protagonizados por personagens negros, escritos e ilustrados por autores e artistas negros, é uma estratégia potente para romper com a hegemonia branca presente nas narrativas escolares. De acordo com Silva e Rocha (2022), a literatura infantil antirracista não apenas promove representatividade, mas também estimula o pensamento crítico sobre as relações étnico-raciais, possibilitando o enfrentamento do racismo simbólico de forma lúdica e afetiva.

Outra proposta pedagógica relevante é o uso de desenhos animados, músicas e produções audiovisuais que retratem personagens negros em diferentes papéis sociais, protagonizando histórias de coragem, criatividade, amor, inteligência e afeto. Projetos como o “Erês Brincantes”, citado por Ferreira (2023), mostram como o audiovisual pode ser uma ferramenta de construção de identidade racial positiva, desde que haja curadoria crítica e mediação pedagógica. A escolha consciente desses materiais deve ser parte do planejamento curricular, e não um recurso ocasional.

O trabalho com projetos temáticos também pode ser um caminho eficaz para abordar o imaginário infantil com foco na equidade racial. Projetos interdisciplinares que envolvam a construção de novos personagens, a reescrita de contos clássicos com protagonismo negro ou a criação de super-heróis inspirados em líderes da história afro-brasileira são exemplos de práticas que incentivam o protagonismo das crianças e a coautoria simbólica. Conforme aponta Oliveira (2020), permitir que as crianças participem da criação de suas próprias narrativas é uma forma de valorizar sua voz e ampliar os limites do que é possível imaginar e sonhar.

A mediação crítica do professor é um elemento indispensável em todas essas propostas. É preciso que o educador não apenas introduza materiais diversos, mas também promova espaços de conversa, escuta e reflexão com as crianças sobre as imagens, histórias e personagens com os quais interagem. De acordo com Gomes e Almeida (2021), a pedagogia antirracista se constrói no cotidiano, nas perguntas que se levantam, nas respostas que se constroem coletivamente e no respeito às experiências de cada criança.

É igualmente importante envolver as famílias nesse processo de transformação. A escola pode promover encontros formativos com pais e responsáveis, apresentar os materiais utilizados e explicar os objetivos pedagógicos das escolhas feitas. Muitas vezes, a ausência de representatividade racial no contexto familiar é naturalizada, e o contato com essas discussões no ambiente escolar pode gerar deslocamentos importantes nas práticas sociais das famílias. Como lembra Costa (2022), a educação antirracista é uma responsabilidade coletiva e precisa ser cultivada de forma articulada entre escola, família e comunidade.

Do ponto de vista institucional, é fundamental que essas propostas estejam previstas no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, como parte de um compromisso coletivo com a equidade racial. Isso significa que a abordagem da diversidade não deve depender apenas da sensibilidade de um ou outro professor, mas integrar as diretrizes curriculares, os processos de formação docente e a aquisição de materiais didáticos. Políticas públicas que financiem a produção e a aquisição de materiais antirracistas, bem como a formação continuada com enfoque étnico-racial, são essenciais para a efetividade dessas práticas.

Por fim, vale ressaltar que repensar o imaginário infantil é um processo contínuo, que exige vigilância crítica, atualização constante e escuta sensível. Não se trata apenas de substituir personagens ou alterar histórias, mas de promover uma mudança estrutural na forma como a infância é compreendida e respeitada em sua pluralidade. É um convite para que crianças negras possam se

ver representadas com dignidade, orgulho e beleza, e para que todas as crianças possam crescer em um ambiente que valorize a justiça, o respeito e a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo refletir sobre a importância de repensar o imaginário infantil com foco na equidade racial, por meio da análise de brinquedos, desenhos e personagens que compõem o universo simbólico das crianças na Educação Infantil. A partir de uma revisão teórica fundamentada em autores brasileiros contemporâneos, foi possível compreender como a representação (ou ausência) da população negra nesses materiais influencia diretamente a formação da identidade, a autoestima e as relações sociais das crianças desde os primeiros anos de vida.

Ao longo do estudo, identificou-se que o imaginário infantil ainda é fortemente marcado por uma hegemonia estética e simbólica eurocentrada, que privilegia personagens brancos como protagonistas e representa pessoas negras de forma estereotipada ou secundária. Essa representação desigual contribui para a perpetuação do racismo estrutural, reforçando padrões hierárquicos e alimentando processos de exclusão simbólica. Crianças negras, nesse cenário, tendem a crescer com poucas referências positivas sobre sua própria identidade, enquanto crianças brancas internalizam, muitas vezes de forma inconsciente, a centralidade da branquitude como norma e modelo.

A análise demonstrou que a presença de representatividade racial positiva no cotidiano escolar pode atuar como um elemento fundamental na construção de uma infância mais justa, plural e equitativa. A introdução de brinquedos diversos, livros protagonizados por personagens negros, desenhos animados com heróis e heroínas negras e outras narrativas simbólicas afirmativas não apenas amplia o repertório cultural das crianças, como também contribui para a formação de subjetividades mais empáticas, críticas e respeitosas.

As propostas pedagógicas discutidas neste trabalho apontam caminhos viáveis e concretos para transformar o imaginário infantil, a partir de práticas intencionais, currículos antirracistas e mediações educativas comprometidas com a justiça social. No entanto, também foi possível perceber que essa transformação exige o envolvimento de toda a comunidade escolar, além de políticas públicas que garantam a formação de professores, a produção e distribuição de materiais educativos de qualidade e o apoio às escolas no enfrentamento das desigualdades raciais.

Conclui-se, portanto, que a construção de uma educação antirracista na infância passa necessariamente pela reformulação dos símbolos que alimentam o imaginário das crianças. Isso implica reconhecer que as histórias que contamos, os brinquedos que oferecemos e os heróis que exaltamos têm poder formativo e político. Educar para a equidade racial não é apenas uma escolha didática, mas um compromisso ético e social com a construção de um país menos desigual e mais democrático. O enfrentamento ao racismo começa na infância, e a escola é um espaço privilegiado para iniciar essa transformação.

REFERÊNCIAS

COSTA, Larissa. *Educação antirracista na primeira infância: entre o brincar e o reconhecimento*. Salvador: Pallas Editora, 2022.

DIAS DE FARIA, Amanda. Representatividade na infância: a importância da literatura infantil com protagonistas negros. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 43, n. 1, p. 1–18, jan./jun. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/24507. Acesso em: 8 out. 2025.

FERREIRA, Júlia Almeida. A cultura negra como experiência pedagógica na infância. *Revista Brasileira de Educação Infantil*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 77–90, 2023. DOI: 10.20396/rbei.v26i2.8671456.

FEAC – Fundação FEAC. A luta antirracista e o aumento da representatividade começam na Educação Infantil. 2023. Disponível em: https://feac.org.br/a-luta-antirracista-e-o-aumento-da-representatividade-comecam-na-educacao-infantil/. Acesso em: 8 out. 2025.

GOMES, Nilma Lino; ALMEIDA, Laurindo Dias. *Educação para as relações étnico-raciais: a experiência como princípio formativo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

OLIVEIRA, Carla Aparecida. *Brinquedos e identidades: o corpo negro no espaço da infância*. Campinas: Papirus, 2020.

PROJETO ERÊS BRINCANTES. *Brincar, reconhecer, pertencer: brinquedos e identidade racial na Educação Infantil*. Salvador: Instituto Aláfia, 2023. Disponível em: https://redelume.com.br/eres-brincantes. Acesso em: 8 out. 2025.

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTIL: uma experiência de mediação com crianças de 4 a 6 anos. *Revista Form@re*, v. 15, n. 2, p. 55–68, 2023. Disponível em: https://formare.revista.ufcg.edu.br. Acesso em: 8 out. 2025.

SANTANA, Luciana Xavier. *Bonecas negras e construção identitária na infância: por uma pedagogia da presença*. São Paulo: Summus, 2021.

SILVA, Mônica Regina; ROCHA, Tiago Luiz. Representações raciais em livros didáticos e literatura infantil: o que muda com a Lei 10.639/03? *Educar em Revista*, Curitiba, v. 38, e91870, 2022. DOI: 10.1590/0104-4060.91870.